

# AINDA O GÊNERO EM DEBATE

FOXHALL, Lin. *Studying Gender in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 188, 25 euros.

## JOSÉ ANTONIO DABDAB TRABULSI<sup>1</sup>

Lin Foxhall é professora de arqueologia e história grega na Universidade de Leicester. Contrariamente à maior parte dos autores que se interessam por este tema (os estudos de gênero), seus principais livros até aqui tratam dos homens (*Thinking men: Masculinity and its self-representation in the Classical Tradition*, 1998) e sobre questões econômicas e materiais (*Money, Labour and Land: Approaches to the economics in Ancient Greece*, 2002), entre outros. Como lemos no início,

“this book investigates how varying practices of gender shaped people’s lives and experiences across the societies of ancient Greece and Rome. Exploring how gender was linked with other socio-political characteristics such as wealth, status, age and life-stage, as well as with individual choices, in the very different world of classical antiquity is fascinating in its own right. But later perceptions of ancient literature and art have profoundly influenced the development of gendered ideologies and hierarchies in the West, and influenced the study of gender itself. Questioning how best

to untangle and interpret difficult sources is a key aim. This book exploits a wide range of archaeological, material cultural, visual, spatial, demographic, epigraphical and literary evidence to consider households, families, life cycles and the engendering of time, legal and political institutions, beliefs about bodies, sex and sexuality, gender and space, the economic implications of engendered practices, and gender in religion and magic ».

Sobre tal assunto, um capítulo introdutório consistente era necessário, e a autora não foge de uma discussão geral difícil (*chapter 1, Gender and the study of classical antiquity*, p. 1-23). Ela aí desenvolve uma discussão completa sobre a questão, de maneira clara e persuasiva. Ela começa fazendo uma apresentação histórica do debate teórico sobre o feminismo e os estudos de gênero. Em seguida, ela mostra um “ponto de partida” dessas questões na bibliografia sobre a Antiguidade que é particularmente constrangedor, com citações saborosas e cruéis de algumas análises de J. Carcopino (pp. 4-5). Seu texto estabelece conexões pertinentes entre o debate geral (Simone de Beauvoir, Michel Foucault) e a bibliografia especializada (S. Pomeroy, K. Dover, E. Keuls, etc.) Ela se pergunta, em seguida, se ainda é possível estudar o “gênero” num mundo “pós-feminista”, mundo no qual o gênero está em toda parte. Pergunta puramente retórica, como poderíamos esperar, e ela fornece os bons motivos pelos quais

<sup>1</sup> Professora Titular de História Antiga da Universidade Federal de Minas Gerais.

devemos continuar fazendo tais estudos (p. 14-15). Num segundo momento, ela aborda a delicada questão das fontes, mostrando a produção, a seleção e a transmissão “norteada pelo gênero” (traduziremos assim a expressão *gendered*, frequente no texto do livro) das informações e das análises, com exemplos precisos e esclarecedores (pp. 16-17); o que a leva a querer, na medida do possível, explorar ao máximo os vestígios da cultura material (arte, casas, cemitérios, santuários, entre outros). Ela se lança, então, em capítulos sucessivos, numa escolha de temas e de questões que ela apresenta como sendo “temas-chave” (referência ao título da coleção na qual o livro é publicado, *Key themes in Ancient History*).

Ela começa, então, a análise propriamente dita com um capítulo sobre as casas gregas e romanas (*chapter 2, Households*, p. 24-44), com uma explicação do *oikos*, da *familia*, da *domus*, como quadro de organização e elemento obrigatório das sociedades greco-romanas. Em seguida, ela faz um exame do casamento, sob o ângulo do gênero e da ordem social. Uma atenção especial é dedicada aos casos de Atenas, de Gortina e da Roma augusteana. Algumas análises acerca das concubinas e do adultério contribuem para estabelecer e completar a percepção da assimetria nas relações entre os gêneros. Temos aqui um capítulo “bem colocado”, pois ele estabelece as bases estruturais da ordem social que vão condicionar as relações de gênero. Ela destaca as muitas diferenças entre gregos e romanos, mas explica o fato essencial e comum aos dois casos: a falta de autonomia das mulheres, se comparadas aos homens (o que não quer dizer que elas não tenham alguma margem de manobra e possibilidades de intervenção e de ação). A casa, enquanto lugar onde as crianças “aprendiam” as relações de gênero, tem papel fundamental na reprodução do modelo. Como diz a autora, “A mother, a sister, a nurse or slave girl was not just a ‘woman’, rather she was a woman entitled to undertake specific roles defined to a large extent by her place in and relationships to one or more households and the kin groups with which they were entangled. The same could be said for men : fathers, brothers, bailiffs and freedmen. And herein lay the hierarchy of the household –

many of the bonds that bound the household together were asymmetrical relationships of power and authority. Gender combined with status proved a powerful combination for shaping the actions and possibilities for individuals » (p. 44).

O esforço da autora continua, inscrevendo a questão do gênero nos dados demográficos mais gerais (*chapter 3, Demography*, p. 45-67). Ela examina em detalhe os dados essenciais do pertencimento familiar em relação aos gêneros, as questões de linhagem, de pertencimento às linhagens, e a situação da mulher casada. Em seguida, ela assinala a pequena profundidade temporal dos pertencimentos genealógicos (duas ou três gerações de lembranças de filiação, em geral, salvo nas grandes famílias da alta nobreza, e, por vezes, com recurso a heróis lendários). Na questão tão controvertida da aceitação ou da rejeição das crianças (e dos ritos de exposição infantil), a posição da autora é prudente quanto à extensão real da prática da exposição (em termos de método de limitação de nascimentos e de impacto quantitativo sobre a demografia, quanto à divisão numérica entre os sexos), mas ela admite um cuidado menos atento à alimentação e à saúde das meninas. Uma ênfase especial é atribuída à questão da socialização, sobretudo em matéria sexual, segundo os gêneros. Em matéria de educação sexual dos rapazes em particular, ela vê uma grande diferença entre gregos e romanos, no que se refere às relações homoeróticas. Outro tema de sua análise: a morte e a transmissão, os ritos funerários e as sepulturas que, na Grécia, mudam muito de uma época para outra. Suas conclusões gerais mais importantes são uma capacidade limitada em manter a memória dos indivíduos e das famílias além de duas gerações. No que se refere à educação, o gênero aparece como talvez o fator mais importante na modelagem do curso da vida de uma pessoa, ainda que o gênero seja um critério sempre conectado a outros elementos da vida social.

É significativo que o capítulo “central” do livro seja dedicado ao “corpo” (*chapter 4, Bodies*, p. 68-89). A autora começa examinando as relações entre o gênero e o corpo “natural”, com observações estimulantes sobre o antropomorfismo dos deuses,

e as primeiras posições acerca da superioridade do corpo masculino, em Hesíodo e Simônides (p. 70). Em seguida, ela trata da “biologia” do gênero e da reprodução, com a apresentação das visões que concebiam a reprodução como um fato do homem, a mulher sendo apenas um receptáculo do sêmen (Ésquilo, Aristóteles). Em seguida, nos textos médicos do corpus hipocrático, vemos uma verdadeira construção dos corpos humanos segundo os gêneros (*gendered*, p. 72). Entre as muitas diferenças em relação a Aristóteles, os textos médicos se assemelham a ele ao considerar o ato sexual como essencialmente masculino. Para chegar a essa masculinidade do corpo, é preciso um conjunto de hábitos propícios (o *regimen*), em termos de exercícios físicos e práticas alimentares apropriadas. A vida das mulheres é considerada sedentária demais, e menos favorável a esse equilíbrio indispensável. Uma parte interessante (mas menos original) do livro é dedicada às relações entre o comportamento sexual, o uso do corpo, e a vida política, em torno dos discursos célebres de Demóstenes e Ésquines. O capítulo se encerra com a explicação da violência e da guerra como uma das atividades mais norteadas pelo gênero (*gendered*) no mundo antigo, com as mulheres relegadas aos papéis auxiliares ou contidas no universo lendário (Amazonas). A *andreaia* grega, a *virtus* romana, são poderosos instrumentos de partilha dos gêneros nas sociedades gregas e romanas (pp. 84-89).

No capítulo 5 (*Wealth*, p. 90-113), a autora analisa a “economia” dos gêneros, ou os gêneros com fator primordial de estruturação da riqueza e do poder ligado aos bens materiais. O acesso aos bens, sobretudo a terra, as regras da herança, são apresentados em detalhe, assim como as instituições e as práticas ligadas à “guarda” das mulheres (*tutela* e outras formas de controle). Em seguida, ela examina as ideologias norteadas pelo gênero (*gendered*) no campo do trabalho, onde as mulheres se situam num leque de tarefas e ofícios, lá onde elas são mostradas ou exibidas, e lá onde elas são, ao contrário, escondidas aos olhares dos outros. Uma atenção especial, com uma seção inteira, é dedicada à prostituição (pp. 101-106), como uma explicação particularmente bem feita das

diferenças entre prostituição feminina e prostituição masculina. Ela explica também as roupas, enquanto marcadores sociais e de gênero, comentando a fabricação, o uso, as legislações suntuárias (p. 106-112). O resultado disso tudo é que o gênero tem um impacto enorme sobre a capacidade de uma pessoa em ter acesso e controlar a propriedade, o dinheiro e outros meios econômicos. Diante da lei, homens e mulheres de mesmo estatuto social não tinham as mesmas possibilidades. Mas as diferenças de classe também tinham um impacto: as mulheres ricas da elite podiam ultrapassar certas barreiras, sem que isso anulasse a distância que as separava dos homens. Para as mulheres comuns, fora da elite, as barreiras eram ainda muito piores. Esse capítulo 5 consolida uma das “diferenças” da análise de Lin Foxhall em relação à questão do gênero: atenta aos fatores estruturais das sociedades antigas, ela se mantém em posições muito mais sensatas, muito menos arriscadas do que certas feministas militantes que, se concentrando em áreas e em exemplos isolados, minimizam e até negam a dependência das mulheres gregas e romanas.

Seu capítulo seguinte (*chapter 6, Space*, p. 114-136) examina o espaço. O espaço e as interações sociais nos espaços de todo tipo são um tema difícil, em especial em função da distância grande entre as fontes literárias e os dados da arqueologia. Isso tem consequências importantes na identificação dos usos norteados pelo gênero (*gendered uses*) do espaço. Digamos que, no que se refere à casa grega, a visão da autora tende a seguir uma opinião recente de um uso multifuncional da casa grega antiga, com uma segregação pelo gênero muito menos clara do que se pensava até algum tempo. Ainda que se possa imaginar uma separação dos gêneros nos mesmos cômodos da casa de acordo com as horas do dia. Em relação às casas romanas, o que impressiona é a divisão do espaço “público”, no interior da casa, por exemplo para as necessidades da prática da *salutatio*, e os cômodos reservados a um uso privado. Ainda aqui, as horas do dia têm a sua importância, sendo possível imaginar um uso bem mais misturado dessa parte “pública” da casa na parte da tarde. A autora examina com certo detalhamento os espaços de treino físico na Grécia, espaço de

nudez masculina, que ela situa claramente fora das muralhas da cidade. Ela também analisa a cultura romana dos banhos. Quanto a isso, ela destaca os banhos como “espaço democrático” e multigênero, ainda que usos separados de acordo com as horas do dia possam ser concebidos. Ela compara os banhos romanos com as praias nas nossas sociedades atuais, e a comparação dá bons resultados, penso eu (pp. 129-135). Em termos gerais, a autora considera que: “One of the themes emerging most clearly here is that the gendered use of space operated in complex and sometimes unexpected ways in classical antiquity. Very few spaces were gendered in an absolute sense, and gender certainly does not map neatly onto ancient (or modern) concepts of ‘public’ and ‘private’. Indeed, ‘public’ and ‘private’ were themselves interleaved in complex ways. Time was clearly a key factor in accommodating gendered social expectations to the multiple uses of particular spaces. However, this insight does not solve all the contradictions and apparent inconsistencies in our source material, and our scholarly interpretations of the evidence are in need of further refinement » (p. 136).

Sem surpresa, a religião (*chapter 7, Religion*, p. 137-157) é um campo privilegiado para analisar a temática dos gêneros na Antiguidade. A autora tem que fazer uma escolha, tendo em vista a vastidão do assunto, e, em minha opinião, ela escolhe muito bem alguns pontos-chave, na grande diversidade das práticas religiosas antigas, a começar pelo sacrifício (pp. 137-140), onde a participação das mulheres tende a ser limitada e controlada. Ela adota um ponto de vista médio, ou seja, nem “incapacidade sacrificial” das mulheres, nem “protagonismo” destacado. Quanto mais importante é a prática para a estruturação da ordem social, menos as mulheres têm um papel de destaque. Um pouco mais nuançada é a questão de certos cultos cívicos, como o festival das Panatenáicas, onde as mulheres são mais “centrais”, com um papel de grande destaque para a sacerdotisa de *Athéna Polias* e para as *ergastinai*. Da mesma forma, em Roma, em vários ritos, as mulheres têm um papel importante; mas, quanto mais o rito é central para a religião do Estado, menos as mulheres estão presentes, salvo no caso das seis

vestais. Ela também estuda outros casos importantes, como as Tesmofórias (pp. 145-146), ou os casos de Bona Dea e do culto báquico (pp. 146-150). Ela explora especialmente bem o paradoxo entre a boa aceitação dos ritos de Bona Dea e as dificuldades enfrentadas pelos ritos báquicos, que são, em muitos pontos, parecidos: “The key difference appears to be that the former were firmly under the control of the Roman state, at least as far as elite women were concerned. They were enacted under the watchful eye of male authorities in restricted spaces within a very constrained time frame. Bacchic rituals were entirely outside the formal religious cycle of Rome, were practiced in sanctuaries over which the state had little direct authority, and seem to have been carried out much more frequently. It is possible that the *collegia* of Bona Dea carefully avoided the ‘excesses’ that offended the Roman authorities » (p. 150). As ofertas votivas (p. 150-153) e a magia (pp. 153-157) são também muito bem estudadas em termos de participação segundo do gênero. A autora mostra bem que: “From personal relationships to politics, religion and the supernatural played key roles in classical antiquity for everyone. However engagement at all levels is highly gendered, and this is mediated by other socio-political attributes including status, rank, age and life stage. Participation in religion was universal, but these attributes filtered the roles that individuals might normally be expected, and expect, to undertake. While activities in the religious realm often underpin the status quo, just as often they challenge or subvert it, at least temporarily. And, as we have seen in the case of Roman Bacchic cult, religious movements may initiate and compel a certain amount of change on the part of ruling groups, and permit those outside the circles of political power, including women, to carve out niches of activity and authority for themselves » (p. 157). Agrada-me muito constatar que a autora defende, quanto a essa questão, um ponto de vista muito próximo ao que eu defendia outrora em um livro sobre o dionisismo grego (*Dionysisme, pouvoir et société*. Paris, 1990).

A partir das conclusões da autora (p. 158-159), podemos concluir nós mesmos, considerando que, apesar das dificuldades em tratar um assunto tão

vasto e tão complexo num pequeno livro de menos de duzentas páginas, o que emerge da análise é que o gênero é um dos mais importantes critérios que gregos e romanos usaram para criar hierarquias e fronteiras em todos os campos. A política, as relações sociais e econômicas, as identidades e as personalidades são fortemente condicionadas por esse critério. O livro tem o mérito (e não era fácil) de se concentrar nos dados mais centrais, mais estruturantes e mais célebres, nas fontes e na historiografia, sem que isso impeça análises mais abertas quanto à diversidade e a complexidade das situações. Ele é muito rico, em especial, na distinção clara entre as realidades gregas e romanas, por vezes muito diferentes. Ele possui também o grande mérito de escapar a um erro frequente nessa área de estudos: tomar dados isolados com o objetivo de colocar as mulheres num papel de protagonistas da História, esquecendo outros dados estruturais que mostram um caráter de dominação masculina dificilmente contestável. Quando isso acontece, normalmente os autores caem num paradoxo: o elogio do papel das mulheres na História acaba legitimando uma realidade histórica de opressão das mulheres... Já que Lin Foxhall soube evitar essa armadilha, sua lucidez ilumina o texto, e o livro sai engrandecido.